Os freqüentadores da República

A República, num primeiro instante, pode expressar um ambiente inóspito traduzido pela intensa poluição visual e sonora interna e externamente a ela, contudo, é uma praça que atrai cidadãos de diferentes classes sociais que vivenciam o espaço e imprimem um “espírito” originalmente cultivado nas grandes cidades.

Desde 1967, um grupo de fotógrafos amadores formado por médicos, advogados e economistas, experimenta suas câmaras, acessórios fotográficos, filmes diversos lá na praça da República aos domingos. O Sr. José faz parte deste grupo.

Nesta época, a cidade e a praça estavam no cotidiano das pessoas, não só como área de circulação, o ir e vir entre a casa e o trabalho, mas como um lugar de encontro: amigos, parentes, vizinhos também participavam deste movimento e sentimento urbano. Constituía, ainda, um espaço do acaso, das situações imprevisíveis. As pessoas colocavam-se à disposição do estranho, do desconhecido, que naquela altura não representava somente perigo, mas expectativas, posto que não havia uma separação tão rígida entre o público e o privado, à luz de DaMatta, entre a casa e a rua [1].

[1] DaMatta, Roberto. *Espaço: Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil*, In A Casa & a Rua; espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Aos sábados, a rua Conselheiro Crispiniano[2] com as inúmeras casas de equipamentos fotográficos e a Loja Pitta[3], especialmente, com uma coleção de câmaras LEICA, é freqüentada por estes fotógrafos amadores que trocam idéias e informações e, acima de tudo, cultuam a fotografia.

Aos domingos, o grupo tem encontro marcado na República. Da praça, por vezes, ia a outro ponto da cidade, mas a caminhada iniciava-se sempre ali.

Como frisou o Sr. José, apenas ele desenvolve um trabalho de linguagem fotográfica, não lhe interessam os novos recursos tecnológicos, como para os outros. Depois de selecionar um tema, fotografa-o até exaustão e a praça parece continuar oferecendo muitos assuntos visuais. Independente dos supostos perigos e violência que ameaçam as pessoas naquele local, os fotógrafos a utilizam realmente como um ponto de encontro e convivência.

Assim como eles, Armando e Ramon formam a dupla de jogadores de xadrez mais conhecida da República.

O Sr. Armando, morador de um edifício entre as avenidas São João e Duque de Caxias, dirige-se diariamente à praça munido do tabuleiro e das peças do xadrez. Enquanto Ramon, morador da zona sul de São Paulo, dirige-se a República para encontrar o amigo para mais uma partida do jogo. A praça é o seu espaço de lazer.

A amizade começou há muito tempo quando Ramon, ex-artista plástico, ainda expunha as suas telas na Feira de Arte e Artesanato. Entre um e outro cliente, fazia um lance com as peças de xadrez que ele mesmo esculpia em madeira. Armando, nessa época, já freqüentava a República e, como afirmou, ali havia muitos outros aficionados pelo xadrez.

---

[2] A rua Conselheiro Crispiniano foi durante muito tempo a conhecida rua dos fotógrafos. Entretanto, este cenário vem mudando visto o fechamento de muitas lojas e a descentralização dos serviços fotográficos no centro da cidade.

[3] A Loja Pitta - Boulevard do Centro na rua 24 de Maio, 188 foi durante décadas a referência para muitos fotógrafos, pois exibia uma coleção rica com as melhores câmaras fotográficas, especialmente, as da marca LEICA. Apesar do sucesso entre os fotógrafos, a loja fechou há pelo menos uma ano, conforme informações no local.

> *"... não sou o primeiro, nem o último a jogar xadrez aqui ..." [4], disse Armando.*

Ao contrário do Sr. José, de Armando e Ramon, freqüentadores abertos ao diálogo, outro grupo recusou-se a conversar e a contar acerca da sua vivência na praça, como o caso dos quatro velhos moradores do centro que se sentam diariamente na República, sempre no mesmo lado e mesmo banco, apenas observando o ritmo da cidade e o tempo passar.

[4] Extraído do depoimento de Armando, freqüentador e jogador de xadrez na República, em março de 1998.